



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

GERLEYNE RAPOSO DE ARAÚJO MEDEIROS

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS
COMENTÁRIOS SOBRE GRAMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA EM VÍDEOS
PARA CONCURSO NO *YOUTUBE***

**GUARABIRA/PB
2024**

GERLEYNE RAPOSO DE ARAÚJO MEDEIROS

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS
COMENTÁRIOS SOBRE GRAMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA EM VÍDEOS
PARA CONCURSO NO *YOUTUBE***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Letras Português da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Prof. Dra. Anilda Costa Alves

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488c Medeiros, Gerleyne Raposo de Araújo.

Concepções de linguagens nas redes sociais [manuscrito] : uma análise dos comentários sobre gramática e língua portuguesa em vídeos para concurso no YouTube / Gerleyne Raposo de Araújo Medeiros. - 2024.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Anilda Costa Alves, Departamento de Letras - CH. "

1. Língua. 2. Gramática. 3. YouTube . 4. Preconceito Linguístico. I. Título

21. ed. CDD 469

GERLEYNE RAPOSO DE ARAÚJO MEDEIROS

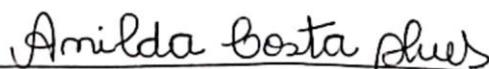
**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS
COMENTÁRIOS SOBRE GRAMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA EM VÍDEOS
PARA CONCURSO NO YOUTUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Letras
Português.

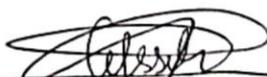
Área de concentração: Sociolinguística

Aprovada em: 06/06/2024.

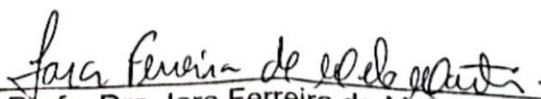
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. André Luiz Souza Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Dra. Lara Ferreira de Melo Martins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha querida mãe, Maria de Fátima (in memória), por todo incentivo e amor. Por me ensinar como se reerguer diante das adversidades, DEDICO.

*“Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa
e a comunidade de que ela faz parte.”
Bagnó, Marcos*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO77

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA910

2.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO910

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: 1111112

2.3 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM167

2.3.1 A linguagem como expressão de pensamento178

2.3.2 A linguagem como instrumento de comunicação178

2.3.3 A linguagem como forma de interação189

3. METODOLOGIA1921

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES2022

5. CONCLUSÃO257

REFERÊNCIAS269

CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE GRAMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA EM VÍDEOS PARA CONCURSO NO *YOUTUBE*

Gerleyne Raposo de Araújo Medeiros*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar a postura de concurseiros frente ao ensino de regras gramaticais em canais do *YouTube* para fins de concurso público. Propõe inicialmente uma apresentação a respeito do preconceito linguístico, bem como refletir sobre sua presença no cotidiano, em sala de aula e também nas redes sociais, e por fim, discutir sobre as três concepções de linguagem que são fundamentais na compreensão do papel da linguagem na concepção humana. Para esse fim, como parte do processo metodológico, utilizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo de caráter descritivo, e na coleta de dados foram analisados comentários de alguns canais de concurseiros na plataforma do *Youtube*, a fim de identificar a forma que concebem a língua. Para a fundamentação teórica contamos com a contribuição de alguns autores, como Bagno (1999; 2007) e Antunes (2007) a respeito do preconceito linguístico. Além disso, utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e Bakhtin (2006) sobre as concepções de linguagens, dentre outros. Muitas pessoas, por não entenderem que a língua portuguesa é um sistema dinâmico e em constante transformação, e ao confundi-la com as regras fixas da gramática normativa, acabam mais propensas a desenvolver preconceitos linguísticos. Por isso, é fundamental reconhecer essa diferença para fomentar uma maneira de se relacionar com a linguagem que seja mais acolhedora e livre de discriminações. Os resultados do estudo evidenciaram que os comentários sobre as aulas de gramática para concurso, de forma geral, não distinguem língua e gramática, considerando que uma se esgota na outra.

Palavras-Chave: língua; gramática; preconceito linguístico; *Youtube*.

ABSTRACT

The present work aims to propose strategies that minimize linguistic prejudice on social networks, in order to discern what the Portuguese language and grammar are, as well as mention the linguistic prejudice present in the virtual environment,

* Graduanda em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

analyzing user comments. on YouTube in preparatory videos for the competition. Initially, it proposes a presentation about linguistic prejudice, as well as how it is present in everyday life, in the classroom and also on social networks, and finally, it discusses the three conceptions of language that are fundamental in understanding the role of language in conception human. To this end, as part of the methodological process, qualitative research of a descriptive nature was used, and in data collection, comments from some contestant channels on the YouTube platform were analyzed, in order to identify the way they conceive the tongue. For the theoretical foundation we count on the contribution of some authors such as: Bagno (1999/2007) and Antunes (2007) regarding linguistic prejudice, the Parameters Curriculares Nacionais (1998) and Bakhtin (2006) on the conceptions of languages. Many people, by not understanding that the Portuguese language is a dynamic system in constant transformation, and by confusing it with the fixed rules of normative grammar, end up more prone to developing linguistic prejudices. Therefore, it is essential to recognize this difference to encourage a way of relating to language that is more welcoming and free from discrimination.

Keywords: language; grammar; linguistic prejudice; YouTube.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana é poderosa em sua capacidade de comunicação e expressão, mas também sujeita a preconceito e discriminação, sobretudo por indivíduos que não a compreendem mediante o âmbito científico. O preconceito linguístico, embora comum, de maneira geral, passa despercebido e é pouco discutido e combatido na sociedade. No ambiente virtual, ele encontra espaço para se propagar de forma intensa e veloz, afetando diretamente aqueles que não utilizam de um repertório linguístico considerado de prestígio.

As práticas tecnológicas estão em constante processo de evolução. Muitas táticas de aperfeiçoamento da comunicação e convívio social, também acompanham o processo de evolução, havendo assim uma ascensão recente nas redes sociais. O preconceito linguístico nas redes sociais afeta milhões de usuários diariamente, com críticas e julgamentos baseados em estereótipos linguísticos.

Neste trabalho, exploraremos as manifestações desse preconceito e seu impacto na comunicação virtual, dando ênfase a comentários feitos por internautas em vídeos e postagens referentes a aulas de conteúdo de cunho gramatical normativo, já que o preconceito linguístico está intimamente ligado, de forma geral, aos indivíduos que não tiveram acesso a níveis mais avançados de escolaridade, o que se configura como uma forma de prescrever

regras e padrões considerados corretos para uma determinada língua. A gramática normativa se estabelece mediante usos idealizados de uma determinada língua, desconsiderando a variação linguística inerente aos indivíduos que dela fazem parte. Desse modo, a presente pesquisa visa suscitar uma discussão sobre o seguinte tema: como proceder para minimizar o preconceito linguístico nas redes sociais?

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar a postura de concurseiros frente ao ensino de regras gramaticais em canais do *YouTube* para fins de concurso público. Com base nisso, temos por objetivos específicos, (i) discernir a respeito do que seja a língua portuguesa e a gramática; (ii) refletir sobre o preconceito linguístico presente no ambiente virtual e (iii) analisar comentários de usuários do *Youtube* em vídeos preparatórios para concurso. Sendo assim, tem-se como objeto de pesquisa os comentários feitos por esses usuários, mais precisamente em vídeos de aulas preparatórias para concurso, conteúdos que tem como foco único e específico as regras da gramática¹ tradicional normativa.

A pesquisa por essa temática justifica-se pela necessidade de discutir sobre o preconceito linguístico presente no cotidiano, como também na sala de aula e sobretudo nas redes sociais. Muitas pessoas ainda confundem a diferença do estudo da língua e do estudo da gramática da Língua Portuguesa, e com essa distinção podem sofrer o preconceito linguístico. Devido a isso, essa pesquisa torna-se relevante, pois traz uma reflexão acerca da referida temática.

Como parte do processo metodológico, utilizou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo de caráter descritivo e para a coleta dos dados foram analisados comentários de alguns canais de concurseiros na plataforma do *Youtube*, a fim de identificar a forma que concebem a língua nos conteúdos trabalhos pelos professores dos cursos preparatórios.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, com o intuito de analisar esses comentários, utilizou-se no referencial teórico as reflexões de Bagno (1999; 2007) e Antunes (2007) a respeito do preconceito linguístico; além disso, abordamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e Bakhtin (2006) sobre as concepções de linguagens, dentre outros estudos.

Além dessa seção introdutória, este trabalho de conclusão de curso está dividido da seguinte maneira: no referencial teórico, abordamos a respeito do preconceito linguístico com considerações de Bagno (1999; 2007) e Antunes (2007), discutindo como ele está presente na

¹ Embora haja diversos conceitos para o termo, neste trabalho, quando nos referimos à gramática, fazemos menção as prescrições impostas pela gramática tradicional.

atualidade, nas redes sociais e também dentro da sala de aula. Em seguida, abordamos sobre as concepções de linguagem com importantes colocações de Bakhtin (2006), que auxilia na compreensão da comunicação humana. Posteriormente, na seção seguinte, apresentamos os resultados e análises feitas através da pesquisa, fazendo uma ponte com o que foi abordado no referencial teórico. Concluímos com as nossas considerações finais, sintetizando tudo que foi abordado em todo trabalho e os resultados alcançados através da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, serão apresentadas algumas definições e reflexões acerca do preconceito linguístico, assim como ele se materializa no ambiente escolar; em seguida, discorreremos sobre as diferentes concepções de linguagem e como elas moldam a nossa forma de enxergar a riqueza presente nos mais diversos usos linguísticos. Tais reflexões serão importantes para as nossas análises.

2.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico sempre existiu, apesar de ter sido ignorado pela sociedade como um todo, visto que nunca foi uma temática de alcance significativo, restringindo-se, na maior parte das vezes, a discussões que se desenvolvem em ambientes acadêmicos. Entretanto, esse tema tem despertado a atenção de estudiosos, na tentativa de, na pior das hipóteses, minimizá-lo, especialmente em sala de aula (Martins, 2014). Assim, esse tipo de preconceito está diretamente relacionado com a criação de uma confusão que se deu no início do curso da história, entre a concepção de língua e a concepção da gramática normativa. Conforme Bagno (1999, p.9), “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua”.

Nesse sentido, percebe-se que a língua passou por muitas transformações no decorrer do tempo. Considera-se que a gramática normativa tenta estabelecer uma língua idealizada, visto que muitas de suas prescrições não estão presentes nem mesmo na fala das pessoas consideradas mais cultas da nossa sociedade.

A língua em uso não se mostra de forma homogênea, apresentando variação e sendo suscetível a mudanças ao longo do tempo. Entretanto, o que se nota é que não há um acompanhamento, na mesma velocidade, da gramática com tais transformações da língua, o

que propicia o surgimento de várias distorções acerca do que é “permitido” ou não.

É notória a grande resistência por parte da gramática normativa para com essas transformações, visto que tais prescrições se tornam cada vez mais distante da língua falada. A gramática de uma língua deve atender à língua, e não o contrário. Vários estudiosos acreditam que a língua portuguesa, que é falada no Brasil, possui uma união que surpreende. Isso reflete um forte senso de identidade nacional que transcende as diferenças regionais. Essa capacidade de manter uma língua coesa, apesar das múltiplas camadas de influência, permite que o português brasileiro funcione como um elo poderoso de comunicação e integração cultural. Assim, a língua não só facilita a interação cotidiana, mas também desempenha um papel crucial na manutenção da unidade nacional, celebrando simultaneamente a riqueza da diversidade cultural do Brasil.

Em contrapartida, Bagno (1999) considera esse fato como sendo um mito que prejudica o ensino da língua, em virtude de, pelo fato de não reconhecer a verdadeira diversidade da língua portuguesa que é falada no Brasil, a escola acaba impondo uma norma linguística engessada há mais de 500 anos de história, de maneira que esta seja aceita como se fosse única língua falada pela população brasileira como um todo, independentemente de faixa etária, situação econômica, origem geográfica ou grau de escolaridade e, ainda mais, da situação comunicativa.

De acordo com o referido autor, o preconceito linguístico é baseado na crença de que só há uma única forma de uso da língua portuguesa, a norma padrão, a qual deve ser ensinada nas escolas e que se deve rejeitar toda e qualquer tipo de manifestação linguística que diverge de suas regras. Cabe, portanto, à escola, apresentar o universo de variedades e possibilidades de usos da língua, os quais são condicionados por uma série de fatores. Considera-se a língua escrita como sendo a mais conservadora, a qual deveria se aproximar mais do que é estabelecido nas gramáticas normativas.

No que tange à questão do preconceito linguístico, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.6) asseveram que

muito preconceito decorre do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural [...].

Nesse sentido, percebe-se o desafio por parte da escola em romper com tais tipos de preconceitos, identificados em sala de aula, uma vez que se evidenciam inúmeras dificuldades, tais como a inexistência de livros didáticos que abordem a diversidade cultural, bem como a falta de conhecimento por parte de alguns professores. Além disso, o documento mais recente que rege a educação nacional, a saber, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatiza que

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2017, p 81).

Assim, ambos os documentos demonstram uma preocupação em levar os aprendizes a compreenderem a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, visto que tal postura possibilita um melhor entendimento do fenômeno da variação linguística, podendo acarretar atitudes mais respeitadas diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: DA ESCOLA PARA AS MÍDIAS

O preconceito linguístico faz-se presente no cotidiano da população, inclusive dentro da sala de aula, no que diz respeito, sobretudo, à relação entre professores/alunos, alunos/alunos e professores/professores, principais atores do referido ambiente. Nessa perspectiva, pode-se citar como exemplo, o fato de alguns professores terem o costume de corrigir, sob quaisquer circunstâncias, seus alunos, por acharem que os mesmos devem respeitar e falar de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, não importa o contexto em que se inserem.

Na opinião de Bagno (2007), no Brasil, os métodos tradicionais do ensino da língua visam à formação de professores de português. O autor argumenta que esses métodos focam excessivamente em normas gramaticais prescritivas e numa abordagem teórica que pode não atender adequadamente às necessidades reais dos alunos em utilizar a língua de maneira prática e eficaz em diferentes contextos. A visão do autor sugere uma necessidade de revisão dessas abordagens pedagógicas, incentivando práticas mais inclusivas e funcionais que capacitem os alunos a usarem o português de forma competente e crítica, além de preparar

educadores para ensinar além das regras tradicionais normativas, englobando usos variados e contextuais da língua.

No entanto, sabe-se que, para se formar um usuário competente da língua, não necessariamente deve-se fazer uso, unicamente, do ensino através da gramática normativa mais rigorosa, nem mesmo por meio da obsessão terminológica, nem da paranoia classificatória, e nem do apego à nomenclatura.

Diante desse contexto, pode-se mencionar que todos os esforços são em vão, em se tratando de fazer com que o aluno saiba de cor todas as classes das palavras, bem como identificar os termos da oração e classificar cada tipo de oração, por exemplo, para garantir que esse discente se torne um usuário competente da língua.

Tomando-se como base o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras, atualmente, nota-se que os professores, ao lecionarem em sala de aula, costumam se basear nas regras da gramática normativa, cujo método de ensino não implicará na transformação de alunos em verdadeiros falantes da norma culta da língua portuguesa. Para tanto, considera-se que o tipo de correção mencionado acima, sobre professores em relação aos alunos que não seguem a norma padrão, é totalmente desnecessário, uma vez que nenhum aluno deve se sentir oprimido por não acessar, em todas as situações comunicativas nas quais se insere, a referida norma.

Vale destacar que a criança inicia seu processo de desenvolvimento linguístico antes mesmo de ser inserida no ambiente escolar, ocorrendo, a princípio, no seio familiar, ouvindo os familiares e também conhecendo objetos e pessoas por meio de nomes. Assim, sua fala passa a se desenvolver de forma natural, até que a criança estabeleça um diálogo com seus familiares (Queiroz, 2004).

Posteriormente, ao ser inserida no ambiente escolar, a criança começa a receber um conhecimento de forma sistemática, diferente daquele aprendido com sua família. Portanto, é necessário ter-se muita cautela por parte dos docentes, ao ensinarem sobre a linguagem oral ou gramática normativa, para que conduzam o aluno a “desenvolver sua capacidade de produção de textos orais” (Queiroz, 2004, p. 7), de maneira que valorize sua linguagem que já fora adquirida no contexto familiar.

Conforme Scherre (2005, p.93), “quando o professor de português está ensinando gramática normativa, ele não está ensinando língua materna (...). Língua materna não se adquire; não se aprende e nem se ensina”. Nesse sentido, evidencia-se que há uma necessidade de fazer com que a criança aprenda, desde cedo, que há diferentes maneiras de falar e, com isto, acostume-se com a variação linguística existente, considerando-a não como

um fenômeno prejudicial à língua, mas antes como um fenômeno legítimo e inerente a toda língua em uso.

Foi no ano de 1997 que teve início um processo de transformação na compreensão do ensino, através de uma publicação do Ministério da Educação, com relação a uma coleção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), contendo propostas para que o ensino das escolas do Brasil fosse renovado, considerando todas as disciplinas. Neste sentido, os PCN de Língua Portuguesa mencionam que: [...] o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

Para isso, e também para poder trabalhar os conteúdos relacionados à Língua Portuguesa, precisa livrar-se de alguns mitos, tais como o de que existe uma única forma certa de falar e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (PCN, 1998, p.26).

Entretanto, embora os PCN tenham divulgado a relevância de serem desenvolvidas habilidades orais no campo escolar, bem como o respeito no que diz à variação linguística, o que se percebe é que ainda existem muitas barreiras encontradas nos meios utilizados para que tais ideias sejam, de fato, executadas.

Na área de Linguagens, o componente de Língua Portuguesa aborda, tanto nos Anos Iniciais quanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a importância da pluralidade linguística. De acordo com o componente de Língua Portuguesa citada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), é essencial no ambiente escolar reconhecer e valorizar a diversidade linguística nacional e internacional, bem como analisar as diversas situações e atitudes humanas que emergem nos diferentes usos da língua, incluindo o preconceito linguístico.

Assim, o documento enfatiza a necessidade de estudar a heterogeneidade linguística para que os alunos possam apreciar as várias formas de expressão da língua em contextos distintos, e identificar atitudes negativas frequentemente associadas a esses usos, que resultam em preconceito linguístico. Esta abordagem está alinhada com o objetivo de uma educação integral, conforme discutido nos fundamentos pedagógicos da BNCC (Brasil, 2018, p. 81):

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.

Nessa perspectiva, Bagno (2007) assegura a respeito da nova concepção de ensino, que, embora seu impacto seja otimista, encontram-se dois obstáculos distintos, que são a resistência de pessoas que são apegadas à concepção antiga e a falta de formação por parte dos professores. Percebe-se, com isso, que não se pode considerar o trabalho com a língua apenas como um meio de “ensinar alguém a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita” (Bagno, 2002, p.52).

O veículo principal de sistematização das noções padronizadas da língua é a escola, onde se estabelecem associações referentes ao padrão da fala e da escrita, onde se pode citar como exemplo, o equívoco encontrado ao se afirmar que as pessoas menos esclarecidas costumam falar de forma errada. Com isso, o preconceito linguístico visto no Brasil, é propagado de forma acentuada, através dos meios de comunicação, como a televisão, o jornal, as revistas, o rádio, e nas redes sociais, ambiente que será *locus* de análise da presente pesquisa, visto que tais espaços são os grandes responsáveis por disseminar percepções erradas da língua, servindo, portanto, de instrumentos para que o preconceito social se instale no meio social.

Seguindo esse pressuposto, Bagno (2009, p.43) afirma que a mídia pratica o preconceito da língua, pois

como se vê do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.

Além disso, Scherre (2005, p. 88-89) critica duramente a mídia sobre a disseminação do preconceito, conforme visto a seguir:

Se não fosse a confusão entre língua e gramática normativa, entre língua falada e língua escrita e as deprimentes associações entre língua e inteligência/burrice, competência/incompetência, beleza/feiura (...) todas as colunas de dicas de

português espalhadas por jornais, revistas e tevês, prestariam um grande serviço à comunidade. Mas a mídia presta um desserviço, porque com elas reforça um dos aspectos mais sórdidos do ser humano: a divisão entre classes e a exclusão social.

Para tanto, considera-se de grande relevância que sejam discutidas nas escolas assuntos a respeito da programação geral da televisão, já que esta se encontra presente na grande maioria dos lares, não podendo, portanto, ignorar-se sua influência. Conforme relatado anteriormente, a televisão é um instrumento de disseminação do preconceito linguístico, ao apresentar a figura do nordestino de forma pejorativa ou até como uma piada, ou que certo personagem de determinada região brasileira não fala o português corretamente, o que ocorre é que há uma violação de um bem cultural, a língua.

Assim, verifica-se a necessidade de uma transformação com relação à concepção da língua que é difundida em sala de aula e nos ambientes de comunicação em massa, sendo, portanto, os falantes, os responsáveis por modificar as regras de funcionamento da linguagem, adaptando, assim, as suas exigências e reais necessidades.

Antunes (2007) desafia o modelo tradicional de ensino da língua portuguesa no Brasil. Com sua expertise em linguística e educação, a autora se posiciona firmemente contra práticas que priorizam uma gramática normativa descontextualizada, centrada unicamente em regras e prescrições distantes da realidade linguística dos alunos. Em vez disso, ela propõe um ensino que integra a gramática ao texto e à realidade social, enfatizando a importância de uma abordagem que habilita os estudantes a empregar a usar a língua de forma eficiente e relevante em vários contextos comunicativos.

A autora, ainda, enfatiza críticas pedagógicas obsoletas e contraproducentes, que não só desmotivam os estudantes, mas também os privam de desenvolver habilidades essenciais para uma comunicação eficaz. O referido estudo desenvolvido por Antunes (2007) oferece estratégias para que os educadores possam ajudar seus alunos a desenvolver tanto a competência comunicativa quanto a habilidade crítica na produção e compreensão de textos. Utilizando exemplos concretos, a obra serve como um guia para professores que buscam desenvolver um trabalho com a língua portuguesa de uma maneira mais integrada e significativa.

No que diz respeito às escolas, observa-se a importância que é dada à escrita em relação à oralidade. Além disso, no ambiente escolar, não é vista a necessidade de o indivíduo refletir sobre a variação linguística existente na sociedade. O que se observa, na realidade das escolas brasileiras, é que estas se atêm ao uso da norma padrão, o que representa um limite ao seu uso.

Sugere-se, portanto, para que haja uma efetiva aprendizagem, de forma contínua, nesse processo de desconstrução do preconceito linguístico nas práticas de ensino, promover nas salas de aulas a abordagem de diferentes gêneros textuais, formais e informais, orais, escritos e multissemióticos, como uma maneira de oferecer respeito às diferenças linguísticas.

Agindo assim, a escola cumprirá o seu devido papel, que é proporcionar a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o bem-estar da sociedade como um todo. Para Martins (2014), apesar de todos os desafios enfrentados pela escola para que alcance um ensino-aprendizagem mais eficiente, cabe destacar que ela ainda é considerada a única instituição, através da qual é possível promover a divulgação, multiplicação e propagação ideias não preconceituosas a respeito da linguagem.

Logo, fora do meio escolar, isso é praticamente inviável de se realizar, não havendo espaço na mídia. Acrescenta, ainda, que tudo o que surge nos meios de comunicação de massa se refere a uma apologia ao trabalho com a língua portuguesa que capacite os alunos um amplo domínio da norma padrão e, com isso, menosprezam e desqualificam os que não dominam tal norma.

Nesse sentido, o fato de não haver possibilidade de levar à população conceitos relacionados à heterogeneidade linguística, que desmitificam o preconceito linguístico, corresponde a uma grande inquietação social, já que o preconceito encontra-se enraizado na sociedade, não se restringindo ao ambiente escolar. Este apenas reproduz tal preconceito.

Por fim, é de suma importância que haja mais discussões relacionadas ao combate, em longo prazo, do preconceito linguístico em sala de aula. Cabe destacar a importância do papel do docente na tentativa de eliminar esta problemática. Na opinião de Bagno (1999), esse profissional poderá contribuir através das seguintes atitudes fundamentais, que se referem à sua formação e obter informação sobre o assunto, além de cultivar a autocrítica em relação à sua prática diária, tornar-se consciente acerca das transformações que surgem na língua, e adotar uma nova postura, frente ao respeito à variedade linguística de todo indivíduo.

2.3 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Compreender as diferentes concepções de linguagem é fundamental para entender a natureza e o *status* atribuído à linguagem no âmbito da comunicação humana. Nesse contexto, três concepções emergem, *a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação*. Nos subtópicos seguintes, iremos explorar cada uma delas.

2.3.1 A linguagem como expressão de pensamento

Na perspectiva do “subjativismo idealista” de Bakhtin ([1929] 2006), a linguagem é entendida como expressão do pensamento, onde o “psiquismo individual” é visto como a fonte da língua, limitando-se a explicar o fenômeno linguístico como resultado de uma criação individual (Bakhtin/Volóchinov, 2006, p. 64).

Nessa visão, “a língua é considerada um ato monológico e individual, separada do contexto social e do outro interlocutor” (Travaglia, 1997, p. 21). Segundo essa abordagem, a dificuldade de expressão está diretamente ligada à falta de habilidade de pensamento, pois a linguagem reflete o processo mental, sendo concebida como um sistema imutável e acabado, sem influência social.

Essa concepção continua sendo a preferida das escolas, levando os educadores a enfatizarem o domínio das normas linguísticas, focando no certo ou errado e privilegiando apenas o uso da norma padrão, negligenciando as diversas formas de linguagem cotidiana, visto que a variação é considerada como erro. Como resultado, aqueles que não seguem as regras desse sistema pré-estabelecido são considerados incapazes de organizar logicamente seus pensamentos. Tal concepção apresenta uma relação estreita com os dados obtidos para análise no presente estudo, os quais serão abordados na seção 4.

2.3.2 A linguagem como instrumento de comunicação

A concepção de objetivismo abstrato, também estabelecida por Geraldi (1984) como *linguagem como instrumento de comunicação*, e descrita por Bakhtin (2006), postula a existência de uma gramática universal fundamentada em aspectos fonéticos, gramaticais e lexicais, os quais são considerados imutáveis em todos os enunciados, resultando em um sistema estável e acabado.

Esta abordagem está em linha com a Teoria da Comunicação de Jakobson, que vê a comunicação como dependente de elementos como emissor, receptor, canal, mensagem, código e referente. Assim, a língua é vista como um conjunto de signos que seguem regras preestabelecidas, permitindo a transmissão de mensagens entre emissor e receptor.

No entanto, essa perspectiva, embora reconheça a dimensão social da linguagem, negligencia o uso e os participantes desse processo – os falantes e o contexto –, concentrando-se apenas em sua estrutura interna e apoiando-se nos estudos estruturalistas. Essa concepção, assim como a primeira descrita anteriormente, tem papel predominante na formação docente e nas práticas em sala de aula, tende a desconsiderar a variedade de usos linguísticos e a riqueza

dos contextos comunicativos.

2.3.3 A linguagem como forma de interação

Na contemporaneidade, o redirecionamento teórico em torno dos estudos da língua tem se baseado, principalmente, nos estudos realizados pelo Círculo de Bakhtin, que postula a linguagem como forma de interação. Bakhtin/Volóchinov (2006, p. 127) afirmam que

a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”, “mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Logo, é impossível compreendê-la sem considerar os aspectos sociais e ideológicos que lhe são específicos. Desse modo, diferentemente das concepções anteriores, em que a língua era utilizada somente para exteriorizar o pensamento ou para transmitir informações, a linguagem como forma de interação considera os sujeitos, uma vez que eles “são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos” (Koch & Elias, 2006, p. 10), ou seja, essa concepção situa a linguagem como um espaço de interação humana.

Nesse sentido, a linguagem como forma de interação considera “o sujeito que fala e pratica ações que não conseguiria levar o cabo a não ser falando; e com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala” (Geraldi, 1984, p. 41).

Além disso, outros aspectos devem ser considerados na enunciação, tais como as condições de produção do discurso, as relações de sentido possíveis entre os interlocutores, a intenção, a ideologia, e os discursos que circulam socialmente. Assim, a linguagem se dá na interação comunicativa entre interlocutores, em um dado contexto sócio-histórico e ideológico, uma vez que os interlocutores são sujeitos que ocupam um espaço social e “produzir sentidos é, então, ocupar uma posição, tornar-se sujeito de um dizer frente a outras vozes” (Gregolin, 2007, p.68).

O equívoco de considerar a língua portuguesa e a gramática como sendo a mesma coisa é bastante comum, mas essencialmente reflete uma compreensão limitada sobre a complexidade e a amplitude do que realmente constitui a língua. A língua portuguesa, como qualquer outra língua, é um vasto sistema de comunicação que permite aos falantes expressar ideias, emoções, estados de espírito, fatos, hipóteses, ordens, e muito mais. É composta não só de palavras, mas também de gestos, expressões faciais e variação de entonação, que

desempenham papéis cruciais na comunicação.

Além disso, a língua evolui constantemente e reflete a cultura, a história e a identidade social de seus falantes. A gramática, por outro lado, é apenas um dos vários componentes dessa complexa entidade que é a língua. Ela representa o conjunto de regras que governam a composição de palavras, frases e estruturas em um idioma.

A gramática normativa, em particular, é a que muitas pessoas conhecem através da educação formal. Ela estabelece um padrão de correção e formalidade que é ensinado nas escolas, e que é frequentemente usado como medida de correção no uso da língua. No entanto, isso é apenas uma faceta da gramática, e não toda a sua extensão.

Além da gramática normativa, há a gramática descritiva, que busca entender e descrever como a língua é realmente usada pelos falantes em diferentes contextos, sem julgar certo ou errado. Essa abordagem é mais abrangente e reveladora, pois considera a diversidade linguística e a capacidade inata dos falantes de formar e interpretar frases, mesmo sem instrução formal.

Entender a língua somente através da lente da gramática normativa é restringir-se a uma visão muito estreita, que não abarca a riqueza, a variedade e a dinâmica do português. A língua é viva e se adapta aos mais diferentes contextos; ela é influenciada por e influencia a sociedade. Enquanto a gramática lida com uma estrutura pronta, engessada e estática, a língua em si é muito mais rica, adaptável e dinâmica.

Portanto, equiparar a língua portuguesa exclusivamente à sua gramática normativa é ignorar a realidade linguística diária e a competência comunicativa dos falantes que usam a língua de maneiras criativas e eficazes, muitas vezes fora dos padrões gramaticais estabelecidos.

3. METODOLOGIA

Segundo José Filho (2006, p. 64), “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Baseando-se nos objetivos deste trabalho, a pesquisa utilizada é de cunho qualitativo de caráter descritivo. Segundo Silva e Menezes (2000, p. 21),

[a] pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as

variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

Para a coleta de dados, que tem como foco, exclusivamente, o ensino da gramática tradicional, foram observados alguns canais de concurseiros no *Youtube*, a fim de investigar, com base na análise dos comentários realizados por espectadores, a forma como eles concebem a língua. Foram analisados 100 comentários em vários vídeos em diferentes datas.

Para a análise, foram selecionados somente alguns dos comentários que apresentavam alguma relação com o interesse de investigação do presente estudo, a saber, aqueles que estabeleciam algum juízo de valor para os conteúdos abordados pelos canais, os quais, conforme já destacado anteriormente, restringiam-se a questões relacionadas à gramática tradicional normativa. No total, foram selecionados 100 (cem) comentários.

Ainda, é importante destacar que houve o cuidado de não identificar nem os canais em que foram feitas as buscas nem os indivíduos que tiveram seus comentários selecionados para as análises, os quais serão apresentados na seção seguinte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A plataforma do *YouTube* tem se tornado um espaço crescente para a disseminação de conhecimento, incluindo aulas de gramática voltadas para concursos e estudos linguísticos. No entanto, é comum observar comentários dos usuários que assistem a esses vídeos, nos quais se referem às lições como se elas fossem o todo da língua portuguesa.

Essa confusão aparente entre língua e gramática pode ter implicações significativas, especialmente quando se considera a possibilidade de preconceito linguístico por parte desses usuários.

Neste artigo, exploraremos essa questão, examinando como a falta de distinção entre língua e gramática pode contribuir para atitudes discriminatórias e hoje como é essencial educar sobre a diversidade linguística para promover uma comunicação mais inclusiva e respeitosa.

O preconceito linguístico surge da discriminação entre as variantes linguísticas, considerando algumas formas de expressão como inferiores. Isso resulta de uma visão

limitada da diversidade linguística e da diferença entre a gramática normativa e o uso cotidiano da língua. Como a língua é dinâmica e varia entre grupos sociais e regiões, as noções de "correção" também variam. A falta de compreensão dessa dinâmica pode levar ao preconceito linguístico.

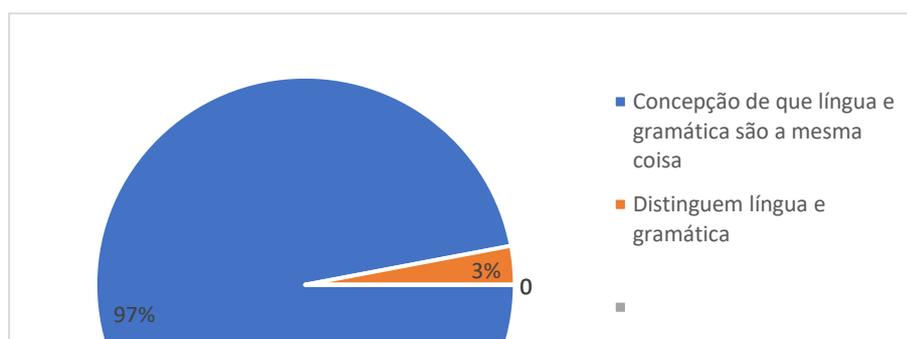
A falta de distinção entre língua e gramática, além de ser uma carência no que tange ao conhecimento científico da língua, pode levar a atitudes discriminatórias, ao perpetuar a ideia de que apenas uma forma específica de expressão é válida. Isso cria uma hierarquia linguística, onde algumas variantes são desvalorizadas.

A educação sobre a diversidade linguística é essencial para promover uma comunicação mais inclusiva e respeitosa, permitindo que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas, independentemente da variedade linguística utilizada. Reconhecer a riqueza de todas as formas de expressão contribui para construir pontes entre diferentes comunidades e fortalecer a coesão social, promovendo uma comunicação enriquecedora baseada no respeito mútuo e na compreensão das diversas perspectivas linguísticas e culturais.

Dessa forma, segundo Silva (2015), a gramática e a língua portuguesa são conceitos interligados, porém, distintos. Enquanto a gramática se debruça sobre os aspectos normativos e estruturais da língua, a língua portuguesa abarca um escopo mais amplo, englobando também aspectos culturais, históricos e sociolinguísticos.

Com base nisso, a pesquisa foi realizada através de comentários de espectadores concursseiros do *Youtube* a forma como eles concebem a língua. O Gráfico 1, a seguir, apresenta as diferentes concepções de linguagem nos referidos comentários

Gráfico 1: concepções de linguagem em vídeos de ensino de gramática normativa do *Youtube*

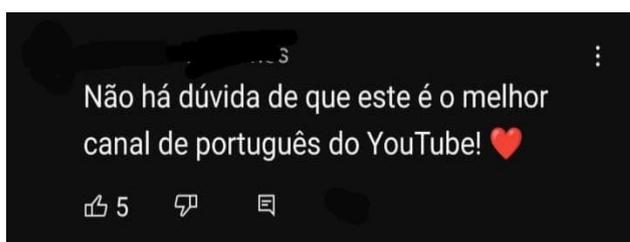


Fonte: a autora (2024)

Conforme visto no Gráfico 1, percebe-se que 97% dos comentários concebem a língua e a gramática como uma coisa só, e apenas 3% dos comentários conseguem fazer a distinção entre língua e gramática. É bastante comum ver essa confusão nos comentários de vídeos para concursos na internet. Muitas pessoas tendem a misturar conceitos de gramática com a língua portuguesa em geral, o que pode gerar debates acalorados e até mesmo desinformação. A gramática é apenas uma parte da língua, enquanto a língua portuguesa abrange um espectro muito mais amplo, incluindo aspectos como vocabulário, pronúncia e até mesmo aspectos culturais e históricos.

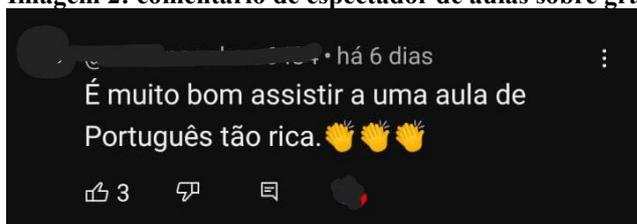
Alguns desses equívocos, podem ser melhor visualizados nas Imagens 1 e 2, a seguir.

Imagem 1: comentário de espectador de aulas sobre gramática (aula sobre crase) para concurso



Fonte: Plataforma do *Youtube*. Acesso em 05/03/2024.

Imagem 2: comentário de espectador de aulas sobre gramática (aula sobre pronome) para concurso

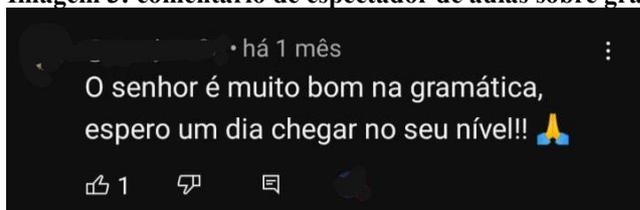


Fonte: Plataforma do *Youtube*. Acesso em 05/03/2024.

Conforme observado nas Imagens 1 e 2, os concurreiros comentaristas entendem que

língua e gramática são a mesma coisa, associando sim a aula como sendo uma aula de língua portuguesa e não da gramática, como se uma coisa se esgotasse na outra. Ao contrário do exemplo do comentário presente na Imagem 3, onde o concursário comentarista consegue fazer essa distinção.

Imagem 3: comentário de espectador de aulas sobre gramática (aula sobre preposição) para concurso



Fonte: Plataforma do *Youtube*. Acesso em 05/03/2024.

Apesar de uma parcela consideravelmente pequena conceber língua e gramática como sendo coisas distintas, fica evidente que o equívoco da equivalência entre ambos os conceitos não se dá de forma categórica. Assim, compreendemos que é possível, e acreditamos que seja esse um dos papéis dos profissionais da linguagem, levar adiante o rompimento da referida crença infundada. Pensamos que a escola pode atuar como um ambiente propício ao desenvolvimento desse trabalho com a linguagem, sobretudo quando os profissionais responsáveis pela área apresentam competência suficiente para possibilitar que tais equívocos continuem sendo propagados para além do chão da escola, atingindo espaços como o meio virtual, conforme apresentado em nossas análises.

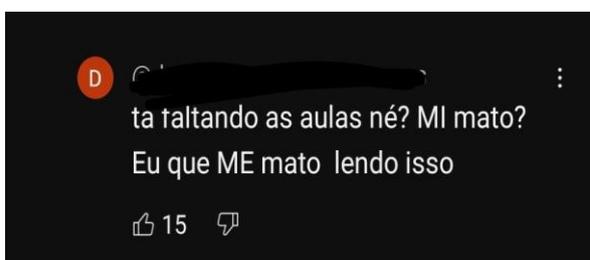
Antunes (2007, p. 42) estabelece que

[i]ngenuinamente, a gramática foi posta num pedestal e se atribui a ela um papel quase de onipotência frente àquilo que precisamos saber para enfrentar os desafios de uma interação eficaz. E daí vem as distorções: a fixação no estudo da gramática, como se ela bastasse, como se nada mais fosse necessário para ser eficaz nas atividades de linguagem verbal.

Diante disso, compreendendo a língua de acordo com a terceira concepção apresentada no presente estudo, a saber, a língua como forma de interação, a suposição da referida equivalência torna-se insustentável.

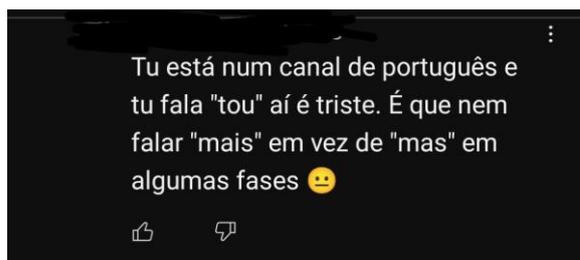
Sobre a questão do preconceito, evidenciamos alguns comentários que refletem essa questão. Nas imagens 4 e 5, a seguir podemos visualizar melhor 2 dos referidos comentários:

Imagem 4 comentário de espectador de aulas sobre gramática (aula sobre pronome) para concurso



Fonte: Plataforma do *Youtube*. Acesso em 05/03/2024.

Imagem 5 comentário de espectador de aulas sobre gramática (aula sobre pronome) para concurso



Fonte: Plataforma do *Youtube*. Acesso em 05/03/2024.

Diante de tudo que foi exposto no decorrer do trabalho, percebeu-se que as pessoas acreditam que o estudo de uma língua é essencialmente o estudo de sua gramática. Assim como afirma Antunes (2007, p. 39):

A concepção de que língua e gramática são uma coisa só deriva do fato de, ingenuamente, se acreditar que a língua é constituída de um único componente: a gramática. Por essa ótica, saber uma língua equivale a saber sua gramática; ou, por outro lado, saber a gramática de uma língua equivale a dominar totalmente essa língua.

Sendo assim, a língua é um fenômeno social e, portanto está em constante mudança e variação. A insistência na correção gramatical acaba ignorando a dinâmica da língua desvalorizando dessa forma as variedades linguísticas.

5. CONCLUSÃO

A confusão entre "gramática" e "língua" muitas vezes surge de métodos de ensino tradicionais que priorizam o ensino de regras gramaticais. Contudo, uma compreensão integral de uma língua transcende a gramática, exigindo uma apreciação holística de sua riqueza e complexidade em todas as suas dimensões.

A importância e a adequação deste estudo são evidenciadas pelo próprio tema abordado pela pesquisa, ou seja, enfatizar que o preconceito linguístico está presente no cotidiano, em sala de aula e também nas redes sociais.

Diante do exposto, percebe-se que, com a análise dos dados coletados dos comentários dos usuários do *Youtube*, muitas pessoas não conseguem fazer a distinção entre língua e gramática. Com isso, as pessoas que não conseguem fazer esta distinção estão inseridas na primeira concepção de linguagem, a saber, *a linguagem como expressão de pensamento*, pois essa abordagem, segundo Bakhtin, considera que, a dificuldade de expressão está diretamente ligada à falta de habilidade de pensamento, visto que a linguagem reflete o processo mental, sendo concebida como um sistema imutável e acabado, sem influência social. Portanto, se a pessoa está inserida nessa concepção de linguagem ela não considera a variação linguística, concebendo assim que português se resume à gramática e se não considera a variação, o falante que não considera a riqueza da heterogeneidade da língua tem grandes chances de cometer o preconceito linguístico.

Dito isto, com base nas imagens expostas, conclui-se que fica notória a facilidade que as pessoas têm de cometer o preconceito linguístico, entretanto, subentende-se que, a falta de conhecimento para fazer a distinção entre a língua e a gramática, motiva que comentários desses tipos ocorram com maior frequência.

Depois de inúmeras pesquisas sobre a temática, fica claro que essa área tem sido essencial para desvendar os mistérios da língua e no aprimoramento das metodologias de ensino. Especialmente nas universidades, essa abordagem ganha força entre os futuros educadores, que estão cada vez mais conscientes da rica diversidade cultural e linguística do Brasil e esperamos que isso seja refletido nas futuras práticas pedagógicas dos referidos profissionais, a fim de possibilitar um trabalho com a linguagem mais significativo e com menos propagação equivocada da compreensão da língua.

Ao adotar esta nova visão, espera-se que esses futuros professores desafiem o velho paradigma de que o domínio do português se resume à memorização rígida da gramática da norma padrão. Armados com novas ideias e conceitos revolucionários, eles estão aptos a

transformar e enriquecer o modo como estudamos a linguagem em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 14^a. ed., 2002.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 238 p.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2009.

BAKTHIN, Mikhail./VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12^o ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929]

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 110.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Brasília: MEC/Secretaria da Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site_df. Acesso em: 6 de Maio de 2024.

Educação Uol – Erros e adequação de linguagem – **Como evitar o preconceito linguístico?** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/erros-e-adequacao-de-linguagem-como-evitar-o-preconceito-linguistico.htm>. Acesso em: 20 de Abril de 2024.

GERALDI, João. Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português.** In _____. **O texto na sala de aula.** Cascavel: Assoeste, 1984.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GREGOLIN, Maria . Rosário. **O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social**. In: CORREIS, D. A. (Org). **A relevância social da Linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: Ed. UEPB, 2007.
- JOSÉ FILHO M, Dalbério O. **Desafios da pesquisa**. Franca: Unesp, FHDSS; 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça, **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. **Preconceito linguístico e sua conscientização: o papel da escola**. Textura, n.31, maio/ago, 2014.
- MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs). **Ensino de Português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- QUEIROZ, Sônia. **Oralidade no ensino: sugestões de atividades**. Fale, UFMG, 2004.
- ROCKEMBACH, Guilherme Rego; MORAES, Suélen do Sacramento Costa de; GARRÉ, Bárbara Hees. **Investigando alguns modos de subjetivação do corpo jovem na mídia contemporânea**. Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Pelotas, v. 4, n. 724, p.1-14, 14 fev. 2018.
- SILVA, Antônio Carlos Rodrigues da. **Gramática e língua portuguesa: distinções e inter-relações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SILVA, Edna Lúcia da.; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que foi minha fonte de força, fé e inspiração durante toda minha vida e elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo, Kerlly Medeiros, que sempre esteve ao meu lado. Seu apoio, amor e incentivo foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até aqui

Aos meus filhos, Cecília, Natanael e Guilherme, que não foram de grande ajuda, mas que são as pessoas que mais amo no mundo e por eles procuro melhorar a cada dia

Ao meu genro, Luiz Fernando, por todo carinho, amor e incentivo.

A minha sobrinha, Monick Lays, por toda a ajuda, companheirismo e incentivo e por sempre me encorajar a perseguir meus objetivos.

A minha querida irmã Maria José, por seu cuidado, zelo e apoio incondicional durante toda a minha jornada acadêmica. Sua presença constante e suas palavras encorajadoras foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios. Obrigado por sempre acreditar em mim e por ser um exemplo de dedicação e amor. Este trabalho também é fruto do seu carinho e apoio.

Aos meus amigos, Flaviano André e Livia Félix que compartilharam comigo não só esta jornada acadêmica como também as preocupações, lágrimas e sorrisos, fazendo tudo ficar mais leve. Sem vocês, este trabalho não seria tão gratificante. Estarão para sempre em meu coração.

A professora Anilda, por todo apoio e orientação que me proporcionou ao longo da elaboração do meu TCC. Sua dedicação, paciência e carinho foram fundamentais para que eu pudesse superar os desafios e alcançar este importante marco acadêmico. Suas palavras encorajadoras e seus conselhos sábios não só me guiaram no processo de pesquisa, como também me inspiraram a crescer pessoal e profissionalmente. Sinto-me extremamente privilegiada por ter tido a oportunidade de aprender com alguém tão brilhante, amorosa, compreensiva e generosa como você. Muito obrigada por acreditar em mim e por todo o carinho. Levo comigo não apenas os conhecimentos adquiridos, mas também a inspiração que você representa.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.